# Ponto de vista pavloviano sobre a origem dos estados neuróticos

MAURÍCIO SCHUELER REIS *

Seguindo Pavlov, o autor adota novo raciocínio com relação ao aparecimento da repressão, e estabelece nova origem dos estados neuróticos. Após definir e descrever as origens de tais estados, estabelecendo as causas das neuroses, assinala que o processo de repressão dependerá das relações existentes entre três fatores: tendência repressora, tendência reprimida e processo de repressão propriamente dito. Chama a atenção para a importância deste ponto de vista pavloviano, que não somente permite explicar os mecanismos do aparecimento das neuroses, mas, principalmente, possibilita uma intervenção realista ao seu processo, pelo reforço de uma das tendências em luta e enfraquecimento da outra. Enfatiza que este tipo de análise possibilita melhor apreensão das atividades verdadeiras do comportamento humano.

Os estados neuróticos resultam, em princípio, de conflitos do ser humano que não foram resolvidos satisfatoriamente.

*O conflito dentro do ser humano é a luta entre dois aprendizados*, isto é, a luta de duas tendências do organismo no seu todo.

De acordo com o nosso ponto de vista, a *repressão de um desejo* sobrevém como resultado do entrechoque de duas vontades (*repressão é a conseqüência da vitória de um dos desejos em luta*) e mostra o modo pelo qual a atividade mais intensa do organismo vence todas as outras.

Para concretizar nosso raciocínio vamos imaginar, como exemplo, uma pessoa que tenha, além de muitas outras, duas tendências, dois aprendizados (dois sistemas de excitação) simultâneos. Uma seria "... os outros são bons", que, como tudo na vida, é instintivo (reflexo sexual e reflexo de orientação) e aprendido (incondicional e condicional); e o outro "... cuidado, os outros são perigosos", que também é instintivo (reflexo passivo defensivo = medo) e aprendido. Estes dois sistemas de excitação decorrem de tudo que a pessoa *experimentou* (viveu) desde o seu nascimento. Cada uma dessas tendências em conflito é sempre parcialmente consciente e, é óbvio, parcialmente não-consciente.

Nesse indivíduo pode acontecer que o "medo dos outros" se equipare ao "gostar dos outros". Enquanto existir esse impasse, se um indivíduo surge no seu

* Médico psiquiatra da Clínica Psiquiátrica Pavlov.

cenário como alguém agradável, é possível que provoque uma tendência ao "medo do relacionamento". Este medo e suas características, como a agressão e outras, exercem uma ação sobre a relação. Nesse caso, portanto, o prazer na relação manifesta-se confusamente. Aqui temos, então, um caso em que não ocorreu a vitória de uma das tendências em conflito, isto é, uma tendência não conseguiu reprimir a outra.

É assim que nós representamos o conflito dos aprendizados, no organismo, que conduz à *indefinição*.

O exemplo citado mostra, claramente, a origem da *indefinição* que limita a relação: ela é a conseqüência de uma ação exercida por um aprendizado negativo tão forte quanto o prazer nas relações humanas.

Adotando-se esse raciocínio, forma-se nova idéia sobre o mecanismo íntimo da luta entre "excitação e inibição" ou "instintos e aprendizados". O mecanismo central é a luta entre duas tendências totais, dois sistemas de excitação, dois conjuntos de *experiências*, por meio de uma função natural, a repressão, e não a luta entre "excitação e inibição" ou "instintos e aprendizados" como processos nervosos e psicológicos elementares.

Tudo que aqui foi dito a propósito do aparecimento da repressão muda nossas idéias sobre a origem dos estados neuróticos. Vê-se que estes últimos são, no fim das contas, a conseqüência da defeituosa interação dos aprendizados no indivíduo. Entretanto, para a elucidação verdadeira da origem da neurose é necessário saber quais as tendências do organismo que participam na organização dessa interação e no surgimento de um estado de indefinição.

No referido exemplo, o medo aprendido do relacionamento com outros seres humanos atrapalha (por intermédio da repressão) o prazer no relacionamento.

A interação de dois desejos do organismo e a eliminação de um deles por meio da inibição ou repressão é uma lei universal da vida cotidiana do homem. Graças a esta lei baseada sobre as relações de força de diferentes sistemas de excitação (diferentes motivações), o comportamento do homem ordena-se, e o funciomento anárquico de suas vontades torna-se organizado.

Antes de tudo, é importante saber que mudanças podem-se produzir na interação de dois desejos, em função da intensidade de suas forças.

Se as duas tendências – "os outros são bons" e "cuidado, os outros são perigosos" – equivalem-se, o aumento da intensidade do "medo dos outros", decorrente das experiências desagradáveis, é cada vez mais seguido do desejo, também intenso, de um relacionamento gratificante e prazeroso.

Observa-se este fato nitidamente quando estas duas impressões atuam, cada uma querendo prevalecer sobre a outra simultaneamente, o que eleva o nível de tensão do indivíduo. Este estado conflitivo desenvolve-se com sofrimento corporal e psíquico.

Assim, a presença do conflito entre as duas idéias dá lugar a uma visível indução mútua entre elas. Tal conflito pode terminar pela repressão completa (conformar-se, por meio de racionalizações, em viver isolado dos outros) da vida

social, com a conseqüente eliminação do estado de conflito entre as duas tendências, levando o indivíduo a tornar-se misantropo.

Desse ponto de vista, toda ação adaptativa do homem termina pela eliminação (ausência de conflito) da atividade *inútil* ("... para que me relacionar com os outros, se não leva a nada? ") que surge geralmente acompanhada da formação de um novo modo de sentir ("... adoro a solidão").

Ora, graças à prática experimental do laboratório de Pavlov e dos de seus seguidores em todo o mundo, e à prática clínica, sabe-se que a "luta de duas excitações" pode terminar também num estado neurótico. Este estado é criado quando as duas tendências opostas têm mais ou menos a mesma força. Por esta razão, o estado conflitivo mantém-se, mais ou menos tempo, em um nível elevado de excitabilidade. É esta forma de conflito que é objeto de pesquisa em clínica psiquiátrica. Na nossa prática, encontramo-nos constantemente com esta origem das neuroses, uma vez que no cotidiano uma tendência humana freqüentemente entra em conflito com outra, de força semelhante, dificultando a realização tranqüila da primeira tendência e acabando por criar um estado confuso na pessoa. Pavlov dizia, por exemplo: "Tudo à minha volta me estimula violentamente porém as *circunstâncias* obrigam-me a inibir-me."

Nessa frase Pavlov mostra claramente que na vida do homem entram em conflito duas atividades positivas, sendo que uma deve-se tornar cada vez mais inibida.

No comportamento humano saudável, a maioria dos conflitos (senão todos) se desenvolvem de acordo com a citada declaração de Pavlov. Eles são quase sempre a conseqüência de que uma atividade inútil ou pulsão inaceitável é reprimida por influência das *circunstâncias*, isto é, sob a ação de uma tendência mais forte e mais ampla, criada durante toda a vida pelas condições sociais.

De acordo com o nosso ponto de vista, a causa das neuroses não somente explica os mecanismos de seu aparecimento no homem, mas também permite a intervenção, sobre uma base realista, no processo neurótico, a fim de assegurar sua correção.

Efetivamente, se conhecermos as tendências que entram em conflito, e de modo razoável reforçarmos uma das partes ("... quero e é bom ter prazer na relação com outros seres humanos") em luta e enfraquecermos a outra ("... cuidado, os outros são perigosos"), é possível eliminar a tensão neurótica. Todos esses casos de neurose não seriam compreensíveis se os examinássemos apenas sob o ângulo da "luta da inibição e da excitação" ou da "luta da repressão contra os instintos". Nesta última posição do problema, uma das tendências rivais torna-se inevitavelmente mascarada, escondida, estimulando a possibilidade de erros e o aumento de construções falsas na interpretação do comportamento humano.

No desenvolvimento que apresentamos, ao contrário, pressupõe-se que, se há repressão de uma atividade do organismo, ou mesmo de parte dela, o terapeuta é

obrigado a encontrar outra atividade que, pela sua força, é a repressora, determinando assim a repressão observada.

A concepção da luta da excitação e da inibição, ou dos instintos contra os valores sociais, sem a análise dos mecanismos de aparecimento da repressão, coloca numa situação difícil não só o psiquiatra, mas também qualquer pessoa interessada no comportamento humano.

Se o terapeuta deseja "suprimir a repressão", causa dos atos patológicos do paciente, fica desarmado diante da seguinte questão: *como* "suprimir uma repressão" que não é conseqüência do conflito entre dois aprendizados? Naturalmente, nesse ponto, ele tem que apelar para os instintos, a fim de preencher esta lacuna.

Isto ilustra a importância universal do princípio do "encontro das excitações" ou do "encontro das motivações adquiridas durante a vida por intermédio da atividade nervosa consciente e não-consciente".

Existem muitas formas de modificar a existência patológica ou de resolver um conflito. Pode-se usar a punição, que vai desde a atitude desdenhosa até o silêncio; é possível também dar recompensa, que pode ser apenas um leve sorriso. Pode-se ainda utilizar motivos de caráter intelectual, como sermão, conselho ou interpretação.

Tentemos compreender a base fisiológica ou profunda dessas três técnicas da psicoterapia. Nota-se que nos três casos produz-se necessariamente o encontro de duas experiências, de duas motivações autônomas do organismo como um todo. No caso do desdém ou do silêncio, o terapeuta usa uma experiência existencialmente desagradável, que, pelos efeitos que produz, é uma atividade do organismo nitidamente delineada e autônoma. Se a intensidade das excitações internas desta atividade provocada pelo terapeuta é suficiente, ela pode vir a ser repressora sobre o modo de viver objetivo e subjetivo indesejáveis ao paciente.

Se considerarmos o problema sob esse ângulo – o ato de escutar calado, dar atenção, sorriso (recompensa) ou mesmo sermão, conselho, ou, ainda, fazer uma interpretação (modificação por meio de motivos intelectuais) – descobriremos, verdadeiramente, a existência de dois sistemas de excitação, duas motivações. Um (a recompensa ou motivos intelectuais), sendo mais forte, deve reprimir o outro (o modo de ser indesejável). Conseqüentemente, a *transformação de uma atividade patológica em uma saudável é o resultado inevitável da rivalidade de dois sistemas de excitação (duas motivações), em que prevalece o saudável.*

"Suprimir uma repressão" significa criar um sistema de excitações (ou de motivos) que, graças à sua força, passe à frente das indesejáveis, ou seja, da doença. A base fisiológica profunda dos motivos elevados que dirigem o comportamento do homem consiste justamente em que os sistemas estendidos de excitação cortical, criados durante toda a vida social, tornem-se mais fortes e mais poderosos e reprimam, por esta razão, todos os outros atos comportamentais indesejáveis ou incompatíveis com a moral humana. Quando um aviador investe sobre um avião inimigo, ele não o faz facilmente, pois deve vencer o medo próprio de todo homem em perigo. Seu ato heróico se explica de outra maneira: ele ataca o

inimigo porque o motivo – criado pelo sentimento de dever em relação à Pátria, se for um soldado legítimo, ou, no caso de um mercenário, pela fortuna que está ganhando para executar o serviço – formado com outros sentimentos e valores durante toda a sua vida consciente e não-consciente torna-se um sistema totalmente inibidor da reação biológica primitiva de defesa, que faz nascer o sentimento de medo. Aqui verificamos a existência do estado conflitivo resolvido entre duas tendências globais.

De tudo isso deduzimos que a atenção do psiquiatra deve, sobre a base das noções mencionadas, ser orientada não para suprimir a repressão, mas sim para criar motivos vitais fortemente excitantes que, uma vez surgidos, posssam corrigir o estado patológico.

Como toda repressão de uma tendência passa pelo estado de colisão com outra tendência, nós nos encontramos diante da possibilidade de elas se reforçarem mutuamente. Porém, a propriedade principal de toda tendência global do organismo é que ela deve ser a única e exclusiva, pois somente sob esta condição é que se pode evitar o caos da personalidade.

Entretanto, a particularidade do comportamento humano, nos seus múltiplos aspectos, consiste em que as circunstâncias obrigam o ser humano amiúde a reprimir certos componentes de seu comportamento e a manter outros, isto é, a efetuar uma repressão fracionada e seletiva. Admitamos, por exemplo, que em razão das circunstâncias exteriores, um homem sinta uma raiva violenta. No entanto, as "circunstâncias exigem imperiosamente" que ele dissimule esta cólera, isto é, reprima todas as manifestações que acompanham normalmente o sentimento colérico.

A particularidade dessa ação repressora das *circunstâncias* sobre uma reação fortemente arraigada no indivíduo, como a cólera, consiste em que ela pode-se propagar somente aos componentes da reação colérica dirigidos voluntariamente, como a agitação corporal e a linguagem irritada. Ao contrário, todos os outros componentes da reação de cólera e mais precisamente os involuntários, tais como a palidez, o suor etc., escapam dessa repressão consciente e se manifestam plenamente. É assim que se criam relações particularmente importantes no sentido patológico. A reação de cólera não deixa de ser integral naquilo que se refere a seu conteúdo emocional específico e, por conseguinte, toda a força de suas excitações internas podem aparecer de algum modo. Assim, na relação do indivíduo com outras pessoas, ele se comporta de um modo insólito, fazendo duas afirmações antagônicas ao mesmo tempo. No caso da raiva, ele não reage colericamente, mas deixa perceber, por meio das reações coléricas que independem do seu comando, que está com raiva. Este tipo de relação interpessoal é não só a causa de muitos desentendimentos entre as pessoas, como também de muitos desentendimentos da pessoa consigo própria.

O sistema nervoso pode chegar então ao limite da capacidade de trabalho das células nervosas do córtex. Um conflito prolongado de duas tendências reforçando-se mutuamente poderá resultar na vitória de uma e da outra, alternada-

mente. Essas *vitórias*, acontecendo num nível elevado de tensão dos processos nervosos, constituem a base fisiológica da neurose. Esta manifesta-se por meio dos seus mais diversos matizes e sintomas, que complicam incrivelmente a vida do neurótico, com os outros e consigo mesmo. Importa no momento sublinhar que a neurose *é, sem dúvida, a conseqüência do encontro de dois sistemas de excitação, de duas motivações conscientes e não-conscientes*, em que acontece a vitória provisória de um dos sistemas de excitação e a inibição total ou parcial do outro e vice-versa.

É do tipo de emoção, da constituição nervosa da pessoa e de toda a história de sua vida que depende o seu tipo de reação emocional. Todos esses fatores determinantes, em cada caso particular, resultarão em diferentes mudanças neuróticas. O que importa é que em todos os casos de neuroses sobre a base de estados emocionais conflitivos ou de repressão fragmentaria de uma das suas reações, a iniciativa pertence sempre às ligações corticais adquiridas, isto é, de experiências vividas conscientemente ou não. São elas que, sob influência das circunstâncias contraditórias do mundo exterior, oneram os aparelhos emocionais do cérebro e acarretam a participação de todo o organismo na reação apresentada.

Considerando-se que a personalidade saudável é sempre conseqüência de uma seqüência ininterrupta de vitórias entre motivos conflitantes e que suas relações podem-se projetar de maneira muito diferente sobre o comportamento exterior da pessoa, a explicação das interações internas reais tornam-se difíceis.

Segundo a nossa concepção, o sucesso da repressão de uma atividade qualquer, dependerá da relação de três fatores que participam necessariamente do processo: tendência repressora, tendência reprimida e processo de repressão propriamente dito, que aparece como conseqüência da luta das duas tendências. Essas relações são absolutamente obrigatórias em todas as atividades do organismo.

É claro que quando a repressão da tendência desaparece e ela se manifesta, não temos razão alguma para acreditar que houve um enfraquecimento da repressão. Isto porque:

1. Pode produzir-se o enfraquecimento da tendência repressora. No exemplo anteriormente citado, o medo do relacionamento com os seres humanos pode diminuir sensivelmente se o indivíduo toma consciência do absurdo deste medo, enfraquecendo, assim, a força da tendência repressora, e aparecendo o inter-relacionamento desejado.
2. A segunda forma de relação neste mecanismo da repressão, que pode apresentar um quadro de "enfraquecimento da repressão", consiste no reforço da tendência reprimida. No caso do medo da relação com outros seres humanos, pode acontecer que circunstâncias da vida do indivíduo facilitem a relação interpessoal, acabando com a agressividade, sem ter havido qualquer diminuição desse medo.

Do ponto de vista fenomenológico, uma tal relação também pode ser considerada como um "enfraquecimento da repressão". No entanto, em princípio, o mesmo fenômeno exterior pode ser resultado de relações internas diversas.

3. O terceiro caso de aparecimento de um efeito positivo (sentir-se tranquilo na relação com os outros), em resposta à aplicação de um estímulo ambivalente, pode ser o resultado de um enfraquecimento real do processo repressor, que se passa no domínio das ligações nervosas internas. No exemplo citado, isto pode depender do uso de substâncias químicas – psicotrópicos – que diminuem a ansiedade e o medo, fazendo com que a relação com outros seres humanos se realize sem estes sentimentos.

Esta análise das relações possíveis que estão na base de um mesmo fenômeno exterior nos convence de que os processos centrais (profundos) são muito mais complexos do que parecem à primeira vista.

Entretanto, o ponto de partida de uma análise deste gênero, de acordo com o nosso ponto de vista sobre o aparecimento da inibição interna (repressão), facilita muito uma análise e nos permite apreender melhor as atividades verdadeiras no comportamento do homem.

Este tipo de abordagem, como já dissemos, diminui consideravelmente a possibilidade de erros e construções falsas na interpretação dos diferentes aspectos do comportamento humano.

**Résumé**

S'inspirant de Pavlov, l'auteur adopte um nouveau point de vue sur la répression et sur l'origine des états névrotiques. Definissant et décrivant l'étiologie des états névrotiques, il montre que le processus de répression depend des relations existantes entre trois facteurs: la tendance qui réprime, la tendance réprimée et le processus même de la répression. Il attire l'attention sur l'importance du point du vue pavlovien, qui permet non seulement d'expliquer les mecanismes de l'origine des névroses, mais, également, d'intervenir sur le processus pour renforcer l'une des tendances en conflit et en affaiblir une autre. Il insiste sur le fait que ce type d'analyse permet de réduire considerablement les erreurs d'interprétation de diverses facettes des comportement humain.

**Referência bibliográfica**

Anokhine, P. *Biologie et neurophysiologie du réflexo conditionné.* Moscou, Editions Mir, 1975.